

Grandes intérpretes do Brasil

Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes
Uma perspectiva panorâmica

*Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro*¹

Resumo: Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes contribuíram com suas lentes para a interpretação do Brasil. Primeiramente temos o sociólogo por excelência, Florestan Fernandes, representante da Escola Uspiana, mas também encontramos outros tão importantes intérpretes que partem de outras visões na tentativa de se conhecer o Brasil, como Gilberto Freyre e Euclides da Cunha. Dessa forma, através de uma perspectiva panorâmica, pretendemos analisar as contribuições desses intelectuais na interpretação do Brasil. Para tanto, revisamos a literatura atinente ao assunto. Por fim, identificamos que as visões de mundo desses intelectuais não são antagônicas, mas sim, complementares, contribuindo de modo especial para a formação do pensamento social brasileiro.

Palavras-chave: modernidade; intérpretes; sociólogos; pensamento social brasileiro.

Abstract: Euclides da Cunha, Gilberto Freyre and Florestan Fernandes contributed with their lenses to the interpretation of Brazil. First we have the sociologist par excellence, Florestan Fernandes, representative of the School Uspiana, although there were others as important interpreters departing from other views in an attempt to know Brazil, like Gilberto Freyre and Euclides da Cunha. Thus, through a panoramic perspective, we intend to analyze the contributions of intellectuals in the interpretation of Brazil. To this end, we review the literature regard to the subject. Finally, we identified that the world views of these intellectuals are not antagonistic but complementary, contributing especially to the formation of Brazilian social thought.

Keywords: modernity; interpreters; sociologists; Brazilian social thought.

Introdução

O período entre o final do século XIX e início do século XX, de acordo com os discursos filosófico-científicos debatidos à época, é marcado pela necessidade do Brasil estabelecer-se internacionalmente como nação, buscando seu desvinculamento dos estigmas de atraso. Nesse sentido, colocava-se em destaque o imperativo da modernidade, baseada em aspectos materiais, a partir de uma remodelação da estrutura e organização social e de um

¹ Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: quinolarissa@yahoo.com.br
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

desenvolvimento técnico (e ideológico) em sintonia com os princípios civilizatórios da Europa Ocidental (LEITÃO JÚNIOR; ANSELMO, 2011).

Os literatos que representavam um segmento importante da intelectualidade brasileira, contudo, mínima, diante do grande número de analfabetos e iletrados, passaram a versar sobre como entendiam as condições políticas, culturais, sociais, econômicas e geográficas do Brasil daquele momento histórico. Esses escritos se tornaram uma fonte importante na identificação das visões de mundo expressas por esses escritores que expressavam o modo de pensar dos grupos de intelectuais que cada um dos literatos buscava “dar voz”, a partir de seus escritos (LEITÃO JÚNIOR; ANSELMO, 2011).

Ressaltamos que as Ciências Sociais, nesse período, ainda não estavam institucionalizadas no Brasil. Então, a literatura surgia como um importante modelo de compreensão da realidade, considerada uma rica fonte para apreensão do pensamento dos intelectuais, notadamente os literatos, por meio dos seus discursos (LEITÃO JÚNIOR; ANSELMO, 2011). Com a institucionalização das Ciências Sociais no país, a partir da década de 1950, os sociólogos passaram a realizar esse papel cientificamente, havendo uma preocupação de se afastar dos ensaios que predominavam no cenário intelectual da época.

Nesse processo de construção do pensamento social brasileiro, identificamos intelectuais de diversas áreas, e que contribuíram para a compreensão do Brasil, não sendo necessariamente representantes das Ciências Sociais. O objetivo desse trabalho é apresentar as contribuições de três grandes intelectuais brasileiros para a interpretação do Brasil: Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, a partir de uma revisão bibliográfica. O primeiro apresenta um estilo estritamente literário; o segundo concilia a perspectiva científica com o estilo de escrita literária; e o terceiro apresenta uma visão notadamente acadêmica. A justificativa desse trabalho busca demonstrar como essas visões de mundo se complementam na contribuição dessa interpretação do Brasil, principalmente no período em que as Ciências Sociais ainda não estavam institucionalizadas. Não se tratam de visões conflitivas, mas sim, complementares. A relevância desse trabalho confirma que durante toda a formação do pensamento social brasileiro, literatos e cientistas, contribuíram a partir de suas formas para a interpretação do Brasil.

Em um primeiro momento, surge Euclides da Cunha (1866-1909), jornalista e engenheiro militar, imprimiu sua visão de mundo sobre a realidade ao ir a campo para fazer a cobertura da Guerra de Canudos, a serviço do jornal *O Estado de São Paulo*, no interior da Bahia, em 1897. Seu trabalho resultou na obra *Os Sertões*, escrito em 1902. Durante toda a sua trajetória realiza uma revisão da República, que se fez presente nos artigos que escreveu para os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, de 1888 a 1892, e na grande parte de suas obras. Discutiu o regime republicano não somente em *Os Sertões*, mas também em *Contrastes e Confrontos* (1907) e na terceira parte de *À Margem da História* (1909), onde analisou a história política no período entre as duas proclamações: a da Independência e da República (VENTURA, 1996).

Em seguida, Gilberto Freyre (1900-87), oriundo da aristocracia pernambucana, desenvolve seus estudos a respeito da formação brasileira. Não é propriamente um sociólogo de graduação, todavia, fez mestrado nos Estados Unidos em Ciências Políticas (nome que se referia às Ciências Sociais), na Universidade de Columbia. Em sua biografia se considera “principalmente escritor”. Na verdade é um homem multifacetado, pois além de sua brilhante produção acadêmica, possui grande habilidade no campo das artes, inclusive, no campo literário que complementam sua *visão de mundo* (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011). Em 1947, inclusive, Gilberto Freyre foi indicado pela “Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados” com apoio de Jorge Amado e outros intelectuais brasileiros para o Prêmio Nobel de Literatura² (RELEITURAS, 2011).

Tanto em *Os Sertões*, como em *Casa-Grande & Senzala*, a história do passado é positiva, pois não foram concebidas com base em um projeto de futuro que exige o fim do passado. Os dois livros parecem manter e guardar, seja através da memória do conflito, seja através da reatualização constante dos valores da casa-grande, aquilo que reúne os brasileiros. Euclides da Cunha a favor das descontinuidades e Gilberto Freyre adepto das continuidades constroem dois modelos interpretativos – *o Brasil do eterno dilema* e *o Brasil da harmonia autoritária*, muito embora se aproximem pelo interesse de se encontrar um *ethos* brasileiro (VILLAS BÔAS, 2003).

² Em 1973, Gilberto Freyre ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura.

Por fim, apresentamos o sociólogo que é um dos representantes da Universidade de São Paulo, sendo professor da instituição durante muitos anos. Florestan Fernandes (1920-95) tratou em suas obras de inúmeras e importantes questões teóricas e históricas, sem contar temas relativos à educação popular e às responsabilidades do Cientista Social. É responsável por uma nova época na história da sociologia brasileira, pois cria uma nova forma de pensamento sobre as configurações e os movimentos da sociedade (IANNI, 1996). Dentre suas obras, destacamos *A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica*, de 1975. A obra é de suma importância para o estudo da formação e desenvolvimento do capitalismo no Brasil (MARTINS, 2006).

Particularmente, a obra *A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica* surge de um momento de crise e transição social e política, momento de incertezas e dilemas. Busca identificar e interpretar os fatores de resistência à mudança. Para Martins (2006), é o último grande estudo do ciclo de reflexões históricas e sociológicas abrangentes sobre o destino histórico do país, aberto com a Revolução de 1930. Florestan começa a fazer mais indagações sobre o país possível do que sobre o país inevitável.

Euclides da Cunha: *Os Sertões* e a realidade brasileira

Segundo Cerqueira Filho (2008), apesar da formação de engenheiro militar, que contribuiu para sua formação positivista e com o *esprit de géometrie* do paradigma iluminista, a obra *Os Sertões* se transforma de uma simples reportagem para o jornal *O Estado de São Paulo* em um ensaio monumental marcado por um *esprit de finesse*.

Nesse ponto, seu movimento trágico inscrito numa moldura clássica, como chega a sugerir Berthold Zigly (1977) e a expressividade das metáforas e metonímias para dar conta de uma tragédia sangrenta que clama aos céus, acabam por conferir à magna obra efeitos estéticos muito além do paradigma hegemônico. Evidentemente, menos pela presença do humor e muito mais pela sensibilidade capaz de capturar elementos duros que envolvem a aridez da pobreza, da natureza, da religião popular comovente, que solda a solidariedade e se cristaliza na resistência política muito mais caricata do que inglória ou ineficaz, apesar de alguns

rechaços diante de força militar muito superior em armas e gente (CERQUEIRA FILHO, 2008, p.382).

Foi esse estilo literário que é tanto baseado no *esprit de géometrie* como no *esprit de finesse*, e que vai além de sua época que possibilitam o ingresso de Euclides da Cunha na prestigiada Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada por Machado de Assis em 1897. Também ingressou no conceituado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Eram nomes de destaque na literatura, além do próprio Euclides da Cunha, Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Graça Aranha, para citar alguns nomes (CERQUEIRA FILHO, 2008).

O livro *Os Sertões* é baseado em um conflito que ficou conhecido como Guerra de Canudos, que dizimou um grupo de homens, mulheres e crianças, habitantes de uma região inóspita e ignorada do interior da Bahia. *Os Sertões* é obra de “quem viu”, pois testemunhou pessoalmente esse episódio como contratado do jornal *O Estado de São Paulo*. Devido a sua formação, confere à experiência e observação lugar de destaque, imprimindo na escrita uma dimensão visual única. As cenas que testemunhou no *front* mudaram sua posição política (VILLAS BÔAS, 2003).

Passou da militância pela República à descrença com os rumos do novo regime, numa mudança que se deu em pouco mais de dez anos, de 1886 a 1897, entre o início dos estudos militares e a cobertura da guerra de Canudos. Sua saída do Exército, em 1896, foi parte de seu crescente distanciamento frente à corporação e à República, que os cadetes da Escola Militar e os jovens oficiais tinham ajudado a fundar. Resultou também de sua inaptidão para a carreira militar, que exigia o respeito, ainda que cego, às hierarquias corporativas, mesmo nos casos em que a autoridade se impunha pela força e pelo arbítrio. Este distanciamento se revelou, em *Os Sertões*, em que denunciou as tropas republicanas pelo massacre dos habitantes de Canudos, seguidores do beato Antônio Conselheiro (VENTURA, 1996, p.275).

Em *Os Sertões*, o autor antecipa o desaparecimento de uma cultura brasileira original e singularíssima. O testemunho do autor permite considerar o destino histórico trágico daquela cultura, mas que deve ser mantida na memória pela sua simplicidade e resistência.

Instaura-se um desconforto que se define pelo sentimento de ambiguidade entre a solidariedade e identificação com a cultura sertaneja e a escolha da civilização como possibilidade histórica única. Euclides da Cunha transforma os sertanejos em cerne da nacionalidade brasileira (VILLAS BÔAS, 2003).

Segundo Lima (2000, apud VILLAS BÔAS, 2003, p. 122) Euclides da Cunha busca as origens da população sertaneja porque fica intrigado com a pergunta: “como puderam tabaréus mestiços e ignorantes resistir durante tanto tempo?”. Seus registros delimitam descontinuidades geográficas, étnicas e históricas. Levanta a história dos vencidos, privilegiando a terra onde habitam. Os verdadeiros brasileiros resultam da mestiçagem do índio com o branco porque a mestiçagem de negros e brancos se deu com o colonizador português, fora do território brasileiro (VILLAS BÔAS, 2003).

Para Euclides da Cunha, há uma visão progressista da temporalidade, em que o passado se diferencia do presente. Em *Os Sertões*, os primórdios estão inevitavelmente presentes na forma de conflito, evitando a superação completa e acelerada do passado sertanejo. O conflito do presente com o passado, do litoral com o sertão é o eterno confronto entre a cultura particular e a civilização que se materializa em tragédia, extermínio da cultura a favor da civilização, mas permanência da cultura através da recordação do conflito (VILLAS BÔAS, 2003).

Gilberto Freyre e *Casa-Grande & Senzala*: um brasileiro de grande talento

De um modo geral, o conjunto da obra de Gilberto Freyre presta uma grande colaboração para o entendimento da formação social, econômica, política e cultura brasileira. Gilberto Freyre não era propriamente um sociólogo acadêmico. Ele mesmo se considerava “principalmente escritor”, contudo, possuía especialização em Ciências Sociais. Foi acima de tudo considerado um ensaísta (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011).

Freyre é um dos mais complexo e contraditório (e difícil) dos pensadores brasileiros. Tal constatação justifica a imensa produção sociológica acerca de sua obra. A vitalidade de seu pensamento parece estimular vários debates ao longo dos últimos 50 anos. É o autor mais moderno do pensamento social, o que nos faz sugerir a hipótese de que ao invés de perder atualidade, sua obra torna-se cada vez

mais atual e contemporânea. A compressão de sua obra é difícil. Há enorme disparidade nela. Diferentemente da maioria dos pensadores que ao final de suas carreiras dão coerência e unidade às suas obras, e escrevem os melhores livros, Freyre escreveu seus melhores livros ainda jovem, na década de 1930, *Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mucambos* (RODRIGUES, 2003, p.56).

Segundo José Américo de Almeida, escritor e estadista baiano, Gilberto Freyre contribuiu para o surgimento do romance nordestino, afirmando "possui a vocação de romancista que também será quando quiser". A obra ficcional abrange três contos escritos para uma revista feminina, a seminovela *Dona Sinhá e o Filho Padre* (que foi traduzida para o inglês por Barbara Shelby e editada nos Estados Unidos com o título "Mother and Son, a Brazilian Tale") e o romance *O Outro Amor do Dr. Paulo* (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011).

A obra ficcional³ de Gilberto Freyre foi objeto de uma tese defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro por Edilberto Coutinho e publicada em 1983, intitulada *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*.

Podemos dizer, enfim, que vemos as seminovelas como um aspecto novo - mas não inesperado - da obra de Freyre, confirmatório de sua 'cosmovisão integradora', de que fala Édson Nery da Fonseca. O autor utiliza a ficção como um instrumental a mais, de ampliação do seu campo que, em qualquer instância, é o da expressão literária. Neste, a serviço de suas interpretações das épocas históricas, como do comportamento e da natureza dos homens - e das mulheres - se realiza soberanamente. Como artista que é, o seu estilo literário tudo determina. Foi exatamente essa constatação que fez Otto Maria Carpeaux afirmar que encontrava, nessa 'energia estilística' gilbertiana, o 'impelling motive' mais notavelmente configurador de toda a sua obra (COUTINHO, 1981, p.113, grifo nosso).

Como poeta, escreve *Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados*, considerado uma síntese expressionista do multiculturalismo baiano. Também escreveu outros poemas, inspirados em lugares do Brasil e de outros países. A obra poética de Gilberto Freyre está

³ Para conhecer a obra ficcional de Gilberto Freyre indicamos a *Biblioteca Virtual Gilberto Freyre*, no site <http://bvqf.fgf.org.br/portugues/index.html>
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

reunida nos livros *Talvez Poesia* e *Poesia Reunida* e no álbum *Gilberto poeta: algumas confissões* (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011). Apresentamos logo abaixo sua poesia “Silêncio em Apicucos”, em referência a sua propriedade no bairro de Apicucos, em Recife:

Silêncio em Apicucos

As mangueiras
o telhado velho
o pátio branco
as sombras da tarde cansada
até o fantasma da judia rica
tudo esta à espera do romance começado

um dia sobre os tijolos soltos
a cadeira de balanço será o principal ruído
as mangueiras
o telhado
o pátio
as sombras
o fantasma da moça
tudo ouvirá em silêncio o ruído pequeno.

Fonte: Fundação Gilberto Freyre (2011)

Gilberto Freyre investiga aspectos considerados comuns pela teoria social dominante, como costumes, receitas de cozinha, etiquetas, modos de lidar com o corpo, formas de alimentação, dentre outros elementos de distinção social. O autor compreende a modernidade e a civilização brasileiras como consequência de uma forma específica da “reuropeização” que mudou cultural e estruturalmente o país a partir da vinda da família real e da instauração de um Estado racional-moderno e do mercado capitalista, instituições transformadoras das relações sociais (RODRIGUES, 2003).

Iniciou suas pinturas nos artigos de jornal dos anos 1920 e no ensaio sobre pintores nordestinos, incluído no “Livro do Nordeste” e reproduzido em “Região e Tradição”. A pintura é considerada um subproduto de sua obra de reconstituição do passado brasileiro, pois fixa tanto em lápis-de-cor, como em aquarelas e óleo sobre tela, senhores e senhoras

de engenho, brancos, negros e mestiços e velhos sobrados (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011). Pouco antes de falecer, escreveu uma crônica, em 1974 sobre seu retorno à Apicucos⁴, com as formas e as cores de suas casas e de suas árvores, o canto de seus pássaros, o aroma do sítio ecológico, o ruído pequeno da cadeira de balanço (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011).



Título da pintura: Casa-grande

Autor: Gilberto Freyre

Fonte: Fundação Gilberto Freyre (2011)

Já sua grande obra *Casa-Grande & Senzala* se baseia em uma estrutura de harmonia de uma família patriarcal com poder de mando; as relações consanguíneas, pessoais e íntimas da família são vínculos de um sistema patriarcal; a convivência equilibrada de diferenças e desigualdades não se faz sem a violência entre senhores e escravos. O autor, porém interpreta a cena social dos primórdios como constituída de uma habilidade singular de equilibrar os antagonismos, nomeando o complexo sistema de valores, que define a casa-grande, de *ethos* ou caráter brasileiro (VILLAS BÔAS, 2003), como no exemplo abaixo:

Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e

⁴ O autor se referia ao seu retorno à Vivenda Santo Antonio de Apicucos, hoje Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, lugar onde o autor escolheu para morar por mais de 40 anos, localizada no bucólico e tradicional bairro de Apicucos, em Recife. A arquitetura dessa residência é considerada uma casa-grande original do século XIX, abrigando um conjunto de objetos selecionados, guardados e ordenados pela família Freyre (FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE, 2011).

pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo (FREYRE, 1997, p.53).

Enquanto para Euclides de Cunha existe uma crença de que a história se faz através da luta de raças, para Gilberto Freyre a miscigenação foi a maior sustentação de um sistema de dominação que adquiriu êxito em uma terra tropical inóspita. Freyre não concorda com as qualidades e atributos que Euclides da Cunha atribui ao caboclo. Aposta na miscigenação (entre brancos, negros e índios) como um veículo de troca de vantagens. Na casa-grande, o sistema patriarcal de dominação possui a habilidade de equilibrar os antagonismos, agindo positivamente em distintos planos da vida social.

Confere estabilidade à família patriarcal, ao possibilitar o entrelaçamento das esferas do legal e ilegal, do legítimo e ilegítimo. O sistema da casa-grande promove a indistinção, portanto, continuidade, entre os diferentes planos de realidade. Essa indistinção torna-se, por sua vez, condição básica de existência do próprio sistema. Gilberto Freyre faz uma representação positiva da cultura brasileira, bem diferente daquela de Euclides da Cunha que retrata um eterno conflito. Operando com lógicas distintas, combinam-se, em Euclides da Cunha, descontinuidade e conflito; em Gilberto Freyre, harmonia e continuidade (VILLAS BÔAS, 2003).

Em *Casa-Grande & Senzala* há notadamente a construção de uma identidade nacional, mas a obra não se propõe a participar de uma discussão que esteja atrelada ao projeto de construção da sociedade moderna⁵. Ao autor não interessa a construção no futuro de uma ordem impessoal e igualitária, onde se diferencia a noção de indivíduo, do igualitarismo, da impessoalidade. Não se ocupa do atraso brasileiro. As mudanças na sociedade são dentro de

⁵ De fato, a obra *Casa-Grande & Senzala* (1933) não pretendeu discutir o projeto de construção da sociedade moderna brasileira, mas mostrar a construção da família e da sociedade brasileira por meio da apresentação de nossas raízes coloniais. Em *Sobrados e Mucambos* (1936), o autor retrata a decadência do patriarcado rural e toda uma problemática que se sucedeu com o fim do regime escravocrata. Somente na obra *Ordem e Progresso* (1959) se aproxima desse intento, ao buscar uma interpretação do momento de transição do regime monarquista ao republicano.

seu ritmo próprio, continuamente, juntando e ajustando o diferente e o heterogêneo na intimidade das relações pessoais e autoritárias. Complica quando associa o *ethos* brasileiro ao poder de mando do patriarca, atribuindo positividade a uma relação tradicional de mando e obediência que longe está de favorecer a visão democrática da sociedade moderna, e, menos ainda, sua dimensão conflitiva. Para Freyre, os conflitos são superados pela força de um convívio social que o *ethos* brasileiro se encarrega de restaurar a cada dia, equilibrando antagonismos e diferenças (VILLAS BÔAS, 2003).

Enquanto Euclides da Cunha se volta às origens para compreender o que viu nos sertões baianos, Gilberto Freyre recorda o início da sociedade brasileira para compreendê-la através de seus antepassados. Busca rastrear continuidades e concebe sua obra em uma concepção de duração, permanência de valores e maneiras de ser, recusando-se a conceber o tempo enquanto entidade de partes distintas que se justapõem (VILLAS BÔAS, 2003). Gilberto Freyre prestou grande contribuição para a construção do pensamento social brasileiro, assim como para a constituição da Sociologia Brasileira.

Meucci (2006) fez uma pesquisa que reconstruiu alguns aspectos da trajetória intelectual de Gilberto Freyre no período entre o final da década de 1920 e final da década de 1950, tomado como um momento em que se dedicou à sistematização de suas ideias sociológicas, lançando, inclusive, um livro chamado *Sociologia: uma Introdução aos seus Princípios*, publicado em 1945. Esse livro é o resultado de suas experiências docentes: na Escola Normal de Pernambuco (1929-1930) e na Universidade do Distrito Federal (1935-1937).

Sociologia se situa, pois, num momento que é o divisor de águas entre duas fases do processo de formação da sociologia no Brasil. Entre a sistematização (que compreende os primeiros esforços para a definição das expectativas de que a nova disciplina é depositária e para a reunião de ferramentas conceituais a fim de circunscrever o tema) e a institucionalização (quando definitivamente se constituíram as regras científicas dominantes; a linguagem, o método e os autores-emblema legitimamente reconhecidos) (BASTOS, 1987 apud MEUCCI, 2006, p.13).

Nos anos de 1950 ocorreu um debate em torno do pensamento sociológico no período, havendo uma grande crítica por parte dos representantes da Universidade de São Paulo que questionavam sistematicamente a competência científica de Gilberto Freyre. O [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](http://www.revistasimbiotica@gmail.com)

questionamento⁶ ao pensamento de Gilberto Freyre significava um rompimento com a velha disciplina e a construção de uma nova história disciplinar baseada nos padrões de racionalização e universalização. Dessa forma, Gilberto Freyre acabou sendo privado do processo de profissionalização do cientista social (MEUCCI, 2006).

Florestan Fernandes e o rigor científico: sua contribuição para o conhecimento do Brasil

64

Florestan Fernandes é representante da Escola Paulista de Sociologia, tendo recebido influência de pesquisadores franceses que fundaram a Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Foi essa missão francesa que trouxe nomes importantes das Ciências Sociais francesas, como Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Paul Arbousse Bastide, Paul Hugon que foi responsável por definir o ensino e a pesquisa, em São Paulo, nesse domínio do conhecimento científico típicos da ciência realizada nos países desenvolvidos. O lema da USP (2011) *Scientia Vincet* (Vencerás pela Ciência) mostra o comprometimento da instituição com o cientificismo acadêmico, como mostra o trecho abaixo:

A nova instituição universitária empreendia, dessa forma, um novo modelo de produção intelectual, diferente do estilo ensaístico, diletante e generalizante, típico dos autores anteriores à década de 1940, em sua maioria, jornalistas, bacharéis e escritores (MICELI, 2001b), estranho ao método cientificista europeu e norte-americano – apesar desse ‘diferente’ não significar simplesmente, melhor ou pior (SPIRANDELLI, 2010, p.206).

Os primeiros alunos da instituição, como Antonio Candido de Mello e Souza, Gilda de Mello e Souza, Lourival Gomes Machado, Paulo Emilio Salles Gomes, Decio de Almeida Prado, dentre outros, levaram consigo as características de seu segmento social, os setores eruditos da elite, ligados à fruição de obras de arte (literatura, cinema, teatro, etc.) e à fluência em línguas europeias. De outro lado, também ingressavam na USP, mas em minoria, alunos oriundos de segmentos proletários e humildes (SPIRANDELLI, 2010).

⁶ Esse questionamento significa se questionar a respeito do próprio projeto de inserção do Brasil na modernidade que estava presente na interpretação de Gilberto Freyre (MEUCCI, 2006).

Florestan Fernandes, por exemplo, é um desses representantes, filho de uma lavadeira de origem portuguesa e pai desconhecido. Pobre, trabalhou como engraxate, garçom e cozinheiro, entre outros empregos. Com muita dificuldade conseguiu concluir a *madureza* (correspondente ao atual supletivo para o ensino médio). Ingressou na USP, em 1941, na subsecção de Ciências Sociais e Políticas da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) (SPIRANDELLI, 2010).

Foi dentro dessa tradição, fundada por Fernando de Azevedo, que Florestan Fernandes desenvolveu sua pesquisa sociológica de sucesso, sendo sua obra reconhecida nacional e internacionalmente. Florestan Fernandes era conhecido por seu rigor metodológico. Dedicou-se a pesquisa empírica, como fundamento para o conhecimento sociológico, além de ter se preocupado com a criação de uma cultura acadêmica. Prestou grande colaboração na consolidação e institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, além de ter influenciado a formação de sucessivas gerações de intelectuais e pesquisadores, como Fernando Henrique Cardoso (MARTINS, 2006).

Os intelectuais da época possuíam certezas absolutas a respeito do Brasil, dispensando a pesquisa, entendendo a sociedade brasileira, a partir de um enfoque elitista como fizesse parte da intelectualidade francesa, constituindo um mundo folclórico fora da realidade, constituída por "*ces sauvages la bas*". Foi percebido que nesse momento os jovens cientistas brasileiros deveriam conhecer melhor seu país, então, foram os próprios franceses que ensinaram a esses jovens estudantes paulistas da elite, que conheciam mais sobre a França do que a própria nação, que deveriam começar a descobrir o Brasil (MARTINS, 2006).

Florestan Fernandes não era proveniente da elite, mas aprendeu essas lições, pois esse era seu momento. Assim, tomou para si a tarefa de desvendar o Brasil, buscando a constituição de uma sociologia brasileira, diferente de uma cópia teoria, mas uma criação teórica. Florestan Fernandes é responsável pela criação de uma sociologia enraizada, mas em sintonia com as melhores tradições teóricas da Europa e dos Estados Unidos. Assumiu uma das grandes bandeiras da USP, legado de Fernando de Azevedo que é a educação como instrumento de intervenção e de desenvolvimento social. Além disso, ficou conhecido pelo seu ativismo político (MARTINS, 2006).

Os estudos desenvolvidos na época estavam concentrados nessa tarefa de conhecer o Brasil, e, mais exatamente, o problema da modernização brasileira, como mostra o trecho abaixo:

Embora ocorresse certa diferenciação progressiva, dada por recortes temáticos ou teóricos desde a década de 1940, quase toda produção acadêmica nas ciências sociais tinha como foco o problema da **modernização brasileira**, o que deslocava a questão central que mobilizara a inteligência do país até então, movida pelo esforço de entender os processos constitutivos de nossa formação – social, econômica, política e cultural. A análise das mudanças ou das possibilidades (e entraves) de reforma ou revolução da sociedade brasileira constitui a direção quase obrigatória a todas as linhas de pesquisa consagradas no período. Variam as perspectivas analíticas, mas o objeto é de certo modo o mesmo para todos, e por isso, até o final da década de 1960, a comunidade relativamente restrita de cientistas sociais dialoga de maneira direta entre si, ao contrário do que ocorre a partir de então, quando a especialização progressiva implica a dispersão temática e a formação de grupos, definidos por áreas de pesquisa (JACKSON, 2007, p. 115, grifo nosso).

Florestan Fernandes foi o sociólogo responsável por uma sociologia crítica no Brasil, pois toda sua produção intelectual está envolvida por um estilo de reflexão que questiona a realidade social e o pensamento. A sociologia brasileira está marcada pela obra de Florestan Fernandes, no sentido que essa contribuiu de forma decisiva na construção da Sociologia como um sistema de/para pensar a realidade social. Sem contar que criou um novo estilo de pensamento na Sociologia Brasileira, ao retomar o ponto de vista crítico da sociologia clássica e moderna, com fundamento no marxismo, além de buscar o ponto de vista crítico dado pelas condições de vida e trabalho dos oprimidos da cidade e do campo (IANNI, 1996).

Dentre as mais de cinquenta obras publicadas, desde a década de 1940, destacamos algumas que contribuíram para que esse autor se destacasse como um dos mais importantes nomes da pesquisa sociológica no Brasil: *Organização social dos Tupinambá* (1949); *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1952); *A etnologia e a sociologia no Brasil* (1958); *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959); *Mudanças sociais no Brasil* (1960); *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo* (1961); *A integração do negro na sociedade de classes* (1964); *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* (1968); A

investigação etnológica no Brasil e outros ensaios (1975) e *A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica* (1975).

Considerações finais

Como pudemos constatar, o pensamento social brasileiro se formou a partir das visões de mundo de cientistas e literatos. Ambas as contribuições foram igualmente de grande importância, havendo uma complementaridade. No caso de Euclides da Cunha, de formação militar, percebemos o quanto é mais voltado para a literatura ligada aos acontecimentos políticos, sociais e históricos da época, através de vários meios como livros, periódicos, poesias, dentre outros, sendo reconhecida sua contribuição para esse campo com seu ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Já com Gilberto Freyre, percebemos que o intelectual atravessa as duas áreas, pois desenvolveu aptidão para as artes de um modo geral (literatura, pintura, desenho, etc.), desde cedo, ao mesmo tempo em que adentrou a vida acadêmica com sua ida para os Estados Unidos, quando defendeu na Universidade de Columbia, a tese sob o título *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, em 1922. Até mesmo *Casa-Grande & Senzala*, considerada, sua obra prima, conta com grande carga de erudição em sua escrita, impressionando seus leitores.

Por fim, Florestan Fernandes, dentro da tradição da USP e representante catedrático da Escola Paulista de Sociologia, trata-se do representante acadêmico do pensamento social brasileiro. Sua obra inaugura uma nova forma de fazer ciência, pois questiona a realidade social e mais do que isso, está comprometido com a tarefa de conhecer melhor o próprio país. Estava engajado na compreensão da constituição da sociedade moderna brasileira, sendo sua obra *A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica* uma contribuição nessa direção.

Os três intelectuais devem ser vistos não como teóricos de visões de mundo antagônicas, mas como homens de diferentes realidades que contribuíram sobremaneira para o pensamento social brasileiro. Cada um com suas peculiaridades e compreensões a respeito

do mundo foram de grande importância para a construção do nosso próprio conhecimento, muito embora reconheçamos as disputas envolvidas na busca da hegemonia nesse campo do conhecimento que em certa medida também contribuem para o debate e o enriquecimento das discussões acadêmicas.

Referências

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Euclides da Cunha e a psicopatologia: um indício para abdução*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 11, n. 3, p. 380-391, set. 2008.

COUTINHO, Edilberto. *A ficção do real em Gilberto Freyre*. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

FERNANDES, Florestan. *As origens da revolução burguesa*. In: _____. A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006. p. 27-48.

FREYRE, Gilberto. *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida*. In: _____. Casa-Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1997 [1ª. edição 1933].

IANNI, Octávio. *A Sociologia de Florestan Fernandes*. Estudos Avançados, v. 10, n. 26, p. 25-33, jan./abr. 1996

JACKSON, Luiz Carlos. *Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969)*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 115-130, jun. 2007.

LEITÃO JÚNIOR, Artur Monteiro; ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. *Os projetos de modernização do Brasil (1870-1930): O pensamento geográfico na obra Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Disponível em: www.cmcg.ensino.eb.br. Acesso em: 02 outubro de 2011.

MARTINS, José de Souza. *Prefácio à 5ª edição [Introdução à Revolução Burguesa no Brasil]*. *op. cit.*, p. 09-23.

MEUCCI, Simone. *Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico*. Programa de Doutorado em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000381585>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2011.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *Sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro*. Akropolis, Umuarama, v.11, n.2, p. 55-62, abr./jun., 2003.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. *Antonio Candido de Mello e Souza e Florestan Fernandes: breves perfis*. Mediações, Londrina, v. 15, n.1, p. 203-219, jan/jun. 2010.

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República*. Estudos Avançados, v. 10, n. 26, p. 274-291, jan./abr. 1996.

VILLAS BÔAS, Gláucia. *Casa grande e terra grande, sertões e senzala: a sedução das origens*. In: KOSMINSKY; LÉPINE; PEIXOTO. Gilberto Freyre em quatro tempos. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 115-134.

Sites consultados

FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE. Centro de Documentação. Disponível em: <http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/centrodedocumentacao.html>. Acesso em: 02 de outubro de 2011.

PROJETO RELEITURAS. Resumo biográfico e bibliográfico Gilberto Freyre. Disponível em: http://www.releituras.com/gilbertofreyre_bio.asp. Acesso em: 02 de outubro de 2011.

USP. Departamento de Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/departamento/conteudo.php?idcont=4>. Acesso em: 02 de outubro de 2011.